

RESUMO/ ABSTRACT

AS PERSONAGENS FEMININAS NEGRAS EM *PONCIÁ VICÊNCIO*: INTERDIÇÃO AO ESPAÇO PÚBLICO

A partir da obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, faço o estudo feminista e de gênero pelo acompanhamento das trajetórias de sua protagonista, Ponciá Vicêncio, e da personagem secundária Bilisa nos espaços privado e público. O presente trabalho abarca apenas a fase adulta das personagens mencionadas. Assim, resalto aspectos significativos da construção da identidade da mulher negra, sendo estes ora positivos, ora negativos, de acordo com a visão de um sujeito autoral negro comprometido com a etnicidade afrodescendente.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; gênero; mulher negra.

THE BLACK FEMALE CHARACTERS IN *PONCIÁ VICÊNCIO*: INTERDICTION TO PUBLIC SPACE

From the book *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, I make the study of feminist and gender for monitoring the trajectories of its protagonist, Ponciá Vicêncio, and the secondary character Bilisa into the private and public spaces. This study covers only the adult stage of the characters mentioned. So, I point out significant aspects of the construction of the identity of black woman, which are sometimes positive, sometimes negative, according to the vision of a subject committed to afrodescendant ethnicity.

Keywords: Conceição Evaristo; gender; black woman.

AS PERSONAGENS FEMININAS NEGRAS EM *PONCIÁ VICÊNCIO*: INTERDIÇÃO AO ESPAÇO PÚBLICO

Omar da Silva Lima

Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília-UnB

Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEDF, Distrito Federal-DF

omasl@hotmail.com

O enredo do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, gira em torno da história da personagem-título, a qual é uma mulher negra, e suas errâncias pelos ambientes rural e urbano. Essa autora não é o tipo de ficcionista que entrega o enredo pronto para o leitor. Nesse romance, para conhecer e compreender a misteriosa e introspectiva Ponciá Vicêncio é necessário trilhar e mapear as ações dela, pois sua vida é apresentada ao leitor por meio de fragmentos sem linearidade ao longo de toda a narrativa.

“É no contato extrafamiliar que o negro, na maioria das vezes, começa a ver-se a si mesmo através da nomeação que o outro lhe dá” (GOMES, 1995, p. 117). Aprendizado este que Ponciá Vicêncio e Bilisa adquirem ao se defrontarem com um espaço urbano extremamente violento e racista, onde são confinadas nos espaços da periferia, da cozinha e do quarto, mesmo que em situações opostas. Ponciá, apesar de todos os percalços, traça o seu próprio destino, como se verá; já Bilisa é atropelada pelos fatos em sua busca por novas perspectivas de uma vida melhor.

Dentre outras personagens femininas negras – Maria Pia, alusão como exemplo, Maria Vicêncio, Nêngua Kainda, madrinha de Ponciá e a parteira Maria da Luz – da obra em estudo, destaquei para análise, além da personagem-título, a jovem Bilisa. As duas vivenciam, no espaço urbano, a dolorosa experiência da interface gênero e raça, vale dizer, ser mulher e negra. A autora, num discurso mais implícito que explícito, vai desvelando os preconceitos racistas e o confinamento da mulher negra, inculta

e pobre nos espaços da periferia e da cozinha, o desobrigar-se dos poderes em relação aos benefícios de saúde e à remuneração justa de seus trabalhos, já que sempre recebem bem abaixo do que merecem.

Esses são alguns dos procedimentos de nulificação da mulher negra que o leitor vai descobrindo ao longo da leitura, como se a verdade escamoteada nos livros históricos, literários e outros, fosse sendo revelada progressivamente ao longo da obra, deixando claro também a violência que explode não só física, como acontecia no passado e continua no presente vitimando as personagens Ponciá e Bilisa, como se verá adiante, mas também, talvez, a mais terrível das violências, a moral, visando reduzir a dignidade e a identidade delas a zero, às vezes. Analiso primeiro, como isso ocorre com a personagem Ponciá, seguida de Bilisa. Esta, apesar de ser personagem secundária, tem uma história bem construída e reflete o estereótipo da mulher sensual atribuído à mulher negra ou mulata. Assim, abordo primeiro a fase adulta da protagonista Ponciá.

Ao completar 19 anos de idade, Ponciá Vicêncio sentiu que deveria partir do povoado onde nasceu. Essa decisão foi repentina. O motivo é que a moça estava “cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias” (PV1, p. 32), além de ver o sofrimento do pai e do irmão trabalhando nas roças alheias por uma má remuneração.

É comum na zona rural o desenvolvimento da atividade agrícola como meeiro, ou seja, alguns agricultores, principalmente negros, têm a habilidade para plantar, mas não possuem a terra para o cultivo. Dessa forma, os homens do campo passam a vida trabalhando nas terras alheias e depois a maior parte das colheitas é entregue aos proprietários. O resultado é a constante dificuldade sócio-econômica deles, pois esses homens continuam cada dia mais pobres enquanto os donos das terras plantadas conseguem enriquecer sempre às custas do suor desses trabalhadores. Tanto sacrifício em vão colabora para o aumento do êxodo rural, caso de Ponciá que, mesmo não atuando diretamente com a agricultura, via a ingrata lida diária do pai e do irmão Luandi nas roças dos outros e estava cansada do pouco dinheiro proveniente do ofício deles e do trabalho com o barro com a mãe; por isso, decide ir para a cidade grande.

Ponciá, na contramão do que se espera de uma mulher, vai sozinha para a cidade grande. Sem nenhuma outra qualificação profissional e com pouco estudo, a moça assume o emprego de doméstica e vai “aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade. (...) errava muito, mas ia aprendendo muito também” (PV, p. 42). Com o salário, almeja a compra de uma casa e a busca do irmão e da mãe – o pai já havia morrido nessa época – de Vila Vicêncio para a cidade.

¹ A sigla PV, seguida do número de página, será utilizada doravante sempre que se fizer referência à obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Apesar de distante da Vila Vicêncio e dos seus, um chamado telúrico persiste em atormentá-la, fazendo aumentar não só a saudade da mãe e do irmão Luandi, como do manuseio do barro. Mas outro fator a motivara a ficar na zona urbana e a enfrentar a vontade de regressar para Vila Vicêncio: “estava gostando de um homem que trabalhava na construção ao lado.” (PV, p. 81).

Ponciá e esse homem passam a morar juntos no cômodo que ela comprara na periferia da cidade. Esse é um dos acontecimentos relativamente feliz envolvendo essa protagonista negra. Relativo porque o “casamento” não trouxe a satisfação conjugal para eles. No início, o casal viveu bem. O homem de Ponciá percebia nela “uma pessoa muito ativa”, que gostava de trabalhar. “Era bonita. Tinha um jeito estranho que ele não sabia bem o que era. Gostava de cantar” (PV, p. 65). Entretanto, o vazio interior ia-se tornando progressivamente maior e o alheamento dominava-a mais e mais, confinando-a no barraco e fazendo-a esquecer dos afazeres domésticos. Seu companheiro, em sua ignorância, não percebia que ela estava doente e passou a agredi-la. Porém, o fato de o marido de Ponciá surrá-la não restringe a questão desse tipo de violência apenas contra a mulher negra e pobre.

Segundo Heleieth Saffioti (1987, p. 55), a “violência masculina contra a mulher atravessa toda a sociedade, estando presente em todas as classes sociais” e etnias. Não me interessa aqui fazer um estudo sociológico a respeito desse tema e sim perceber no discurso como o racismo se intersecta com a pobreza, com a discriminação de gênero, revelando a face da miséria, gerada pelos poucos recursos, pela falta, talvez, de instrução do marido, que não entendia o que estava acontecendo com Ponciá. O que mais incomodava o companheiro de Ponciá era a desordem que reinava na casa, morando num cômodo pequeno com “roupas sujas” pelos cantos, “folhas de jornal” servindo de forro para “prateleiras” (PV, p. 22). Vivia em meio à sujeira e com uma mulher engolida cada vez mais por um mundo totalmente desconhecido e incompreendido por ele. O alheamento e o desleixo atingem as refeições do casal. Ela mal se alimentava e quando o companheiro voltava, silencioso,

comia sentado na cama, com a lata na mão. O alimento descia incorreto, torto, seco, provocando uma tosse entre uma colherada e outra. Ela foi ao pote de barro e voltou com uma canequinha de lata cheia de água. O homem bebia o líquido de um gole só. Abandonou a lata com um resto de comida no chão (PV, p. 22).

Nesse pequeno trecho, o retrato da extrema pobreza em que viviam Ponciá e o esposo. Aqui se vê o abandono em que vivem os pobres da periferia, nesse caso um casal de negros, vivendo sem o mínimo de dignidade. Esse retrato de uma família negra e pobre se contrapõe à ideologia da família branca convivendo em harmonia no “lar doce lar”. Esta ideologia mostra a indiferença e a desumanidade da família branca que se julga feliz e harmoniosa em relação à família negra e, principalmente, favelada.

Nessa ambiência predomina, geralmente, a impotência das pessoas negras diante dos seus problemas socioeconômicos perpetuadores do legado de miséria em uma espécie de círculo vicioso, os quais afetam até mesmo a vida conjugal, como no caso de Ponciá e seu homem.

No bojo de todo esse alheamento e da incompreensão do companheiro, Ponciá engravidou e deu à luz sete vezes.

Alguns viveram por um dia. Ela não sabia bem por que eles haviam morrido. Os cinco primeiros ela tivera em casa com a parteira Maria da Luz. A mulher chorava com ela a perda dos bebês, tão sacudidinhos, mas não vingavam nunca. Os dois últimos ela tivera no hospital. Os médicos disseram que eles morriam por causa de uma complicação de sangue. Depois dos sete, ela nunca mais engravidou (PV, p. 52).

A perda dos filhos e a vida do casal mergulhada num isolamento a dois repercutem de modos diferentes em Ponciá e em seu homem. Enquanto que nas primeiras perdas dos filhos ela sofrera bastante, depois, “com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo?” (PV, p. 82). É compreensível a inquietação de Ponciá quanto a ser mãe ou não, pois a “ausência mesma de conhecimento do destino terrível que é a marca da mãe é a tática de alienação e o refúgio do sujeito frente à possibilidade de tornar-se herdeiro dessa história” (SEGATO, 2007, p. 166) de miséria, de falta de perspectivas para o futuro. Por que trazer à vida um filho para sofrer as mesmas agruras que ela e os que sofreram e ainda sofrem? O medo de Ponciá é a certeza da impossibilidade de estar sempre ao lado de sua cria, protegendo-a das intempéries da vida de um afrodescendente brasileiro, amparando-a nas horas de angústias e dores por ela trazer na pele as marcas da etnicidade subjugada por um *apartheid* velado. Perante esta convicção, optou por não ser mãe e se entrega, voluntariamente, a seu alheamento do mundo real – “Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu” (PV, p. 44). Porém, após cada gravidez malsucedida, o seu marido renovava suas esperanças, dizendo à esposa “que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem” (PV, p. 52).

Essa decisão do homem de Ponciá em insistir na concepção de um outro filho sem saber se é isso que ela quer não passa de um reflexo da sociedade patriarcal, em que ficaram estabelecidas algumas “verdades” e mitos, como a necessidade quase visceral do homem de gerar um filho, o continuador de si. A atitude do esposo de Ponciá é de extrema dominação. Ele julga ter posse do corpo dela. Sendo assim, o que prevalece é seu desejo de ser pai, ignorando o fato de que Ponciá não quer mais vivenciar a maternidade. Entretanto, com os sucessivos falecimentos dos filhos recém-nascidos, o

homem de Ponciá encontra no alcoolismo uma forma de escapar de tantas tristezas e infortúnios a que se transformara sua vida ao lado de uma mulher que não era a mesma que conhecera e por quem se apaixonara – “Bebia, mas não muito. Tinha a natureza fraca, não era preciso muito para que ficasse tonto” (PV, p. 54). O resultado dessa entrega ao álcool era o aumento da agressividade física em relação à companheira. Além da violência física, ela sofria com a verbal: “Vivia a repetir que ela estava ficando louca” (PV, p. 54).

O discurso, através da frustração de ambos com a morte dos filhos, vai desvelando um outro ângulo dentro de um processo discriminatório gerado pelo descaso das autoridades constituídas e da sociedade dominante, que é manter os negros e o brancos pobres na periferia, sem escolas, sem se falar de outras necessidades imprescindíveis, como segurança, lazer. No nascimento dos dois últimos filhos de Ponciá, os “médicos disseram que eles morriam por causa de uma complicação de sangue” (PV, p. 52). Sabe-se que essa complicação de sangue – incompatibilidade de RHs – é solucionável, quando há dinheiro ou condições nos hospitais públicos. Como não havia nem uma coisa e nem outra, ela, sem saber da possibilidade de reversão do problema e com o intuito de não ser mãe para sofrer, desiste de engravidar; e o companheiro, implicitamente, a culpa pela morte dos filhos e diz que ela estava ficando louca.

Ponciá tem que passar por um grande martírio antes de resgatar a paz e o amor do marido, o que acontece depois de ser brutalmente espancada por ele:

Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado (PV, p. 98).

Por meio da agressividade do homem de Ponciá, a autora vai denunciando a gênese da violência que grassa na periferia: falta de recursos e a ignorância. Em face da atitude do companheiro, Ponciá, às vezes, quando retornava de seu alheamento, se culpava pelas atitudes do marido, que estava cometido por uma tristeza desoladora – “Nas manhãs, quando o homem de Ponciá saía para a lida diária, ela olhava para ele descendo o morro e seu coração doía. Não, ele também não estava feliz” (PV, p. 54).

Assim, a perda dos filhos, a ausência de seus familiares, o abandono do trabalho com o barro e a vida miserável ao lado de um homem violento fizeram com que, depois de ser espancada pelo marido, ela não tivesse “um gesto de defesa”. O alheamento de Ponciá e sua ausência de defesa sugerem,

também, um processo depressivo desta personagem. Finalmente seu homem caiu em si assustado e reconheceu que Ponciá não ia bem de saúde e dentro de sua ignorância dizia que ela “devia estar com algum encosto” (PV, p. 99). A partir daí, “ao perceber a solidão da companheira e a sua própria, o homem viu na mulher o seu semelhante e tomou-se de uma ternura intensa por ela” (PV, p. 111). Porém, “desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. Falava somente por gesto e pelo olhar. E cada vez mais ela se ausentava” (PV, p. 98-9).

Seu sofrimento termina quando reencontra, na estação de trem, a mãe Maria Vicêncio e o irmão Luandi e, juntos, inclusive o companheiro, retornam para o lugar de seus ancestrais para que a herança deixada por Vô Vicêncio se cumpra nela, o que acontece com a presentificação do mesmo no corpo da neta. Assim, a protagonista, representando todo um passado escravocrata, alcança seu último estágio de loucura, num final místico e surpreendente junto aos elementos que caracterizam, simbolizam e explicam a sua existência: “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô² multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio” (PV, p. 132).

Se Ponciá Vicêncio foi, até certo ponto, sujeito de seu destino – saiu e voltou para a Vila quando quis – o mesmo não aconteceu com Bilisa, que, como dito, foi empurrada pelos acontecimentos, como se verá. Assim, em outro canto da mesma cidade que tantos infortúnios causaram à protagonista Ponciá, se encontra Bilisa, personagem secundária, mas responsável, juntamente com o Luandi, por mais uma das tramas bem talhada em *Ponciá Vicêncio*, a vida da prostituta presa a um cafetão. Bilisa parte da zona rural em busca da concretização de seus sonhos, assim como Ponciá, que se resumem na melhoria socioeconômica e assim, poder oferecer uma vida melhor para os familiares, os quais seriam trazidos para junto de si.

Bilisa vê-se enredada nos subterfúgios criados pela sociedade brasileira machista e racista. O perfil de Bilisa é semelhante ao de muitas moças negras e pobres que vão para a cidade em busca de novas perspectivas: ela chega à cidade para trabalhar como doméstica, juntar um bom dinheiro e, depois, buscar os pais e irmãos para cidade. Entretanto, essa personagem é usada sexualmente e roubada pelo filho da patroa, que pede ao marido para incentivar o filho a dormir com a empregada para melhorar seu desempenho sexual com a futura esposa. Assim, Bilisa tem seus sonhos destruídos em função disso.

A convivência entre pai e mãe para que o filho tenha sua iniciação sexual com a empregada Bilisa porque ela causou boa impressão ao casal – “era tão limpa e parecia ser ardente” e porque o “moço (...) ia se casar em breve” – lembra o que ocorre em *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade,

² Arco-íris.

em que o pai, membro da alta burguesia paulista, contrata uma governanta alemã de 35 anos, para ministrar uma iniciação sexual ao seu filho primogênito. O que difere a governanta alemã de Bilisa, além da cor da pele e o nível cultural, era que aquela é bem remunerada na casa dos Sousa Costa por ser uma governanta europeia, vale dizer, com alguma cultura literária e musical. E por ser professora de alemão, permaneceria ali ministrando aulas para Carlos e suas três irmãs. Entretanto, a atividade de preceptora era um disfarce da verdadeira função dela: instruir sexualmente o jovem herdeiro. Bilisa, no entanto, foi contratada para exercer a função de empregada doméstica, mal remunerada, explorada e retida no espaço que a sociedade brasileira reservou para as mulheres negras e mulatas: a cozinha. A alemã, todavia, fazia a refeição com a família. Já em *Ponciá Vicêncio*, a escritora leva o leitor a perceber a manutenção de um preconceito racial sobre a sexualidade da mulher negra, considerada “ardente” e de atitudes sexuais livres e fáceis, daí usá-la como objeto de instrução sexual para o filho prestes a se casar.

Em outras palavras, Conceição Evaristo nos remete ao período da escravidão em que a escrava poderia exercer, dentre outras, as funções de iniciar sexualmente os sinhozinhos e realizar as fantasias mais variadas dos senhores. Porém, como nos lembra Heleieth Saffioti (1987, p. 53), esse “mito da negra ou mulata sensual”, não foi comprovado por nenhuma pesquisa que venha demonstrar “que a negra ou a mulata seja mais sensual do que a branca”, embora ela concorde que “é assim que a mulher de sangue negro é socialmente considerada” no Brasil.

Depois do roubo e da atitude da patroa, que “não gostou da suspeita que caiu sobre o filho”, a moça, cansada e frustrada com a vida de doméstica, resolve juntar dinheiro em outro ofício: a prostituição – “Moça Bilisa se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros de roça e alguns saíam mais e mais desejosos dos encontros com ela” (*PV*, p. 101).

A autora de *Ponciá Vicêncio* traz a lume, de maneira ao mesmo tempo realista e criativa, juntamente com a situação da mulher negra no mercado honesto nas grandes cidades e suas periferias, um outro tipo de ofício – a “prostituição” – tão antigo quanto as chamadas civilizações, pois uma das referências que se tem destacada é do século IV a.C., quando jovens e crianças eram vendidas e preparadas para dar prazer aos homens pelos proxenetes, sem o direito de apaixonar-se. “A prostituição (...) controlada revela-se como o preservativo mais eficaz contra a democratização do amor (...)” (MAZEL, 1988, p. 16). É a denúncia dessa exploração econômica do corpo e a usurpação do direito de amar negado à mulher negra, ou não, que Conceição Evaristo denuncia com a história encaixada de Bilisa.

Após cinco anos “que ela fazia vida na zona”, ainda “não conseguira juntar dinheiro algum” porque tudo que ganhara era para o aluguel e para o cafetão (*PV*, p. 101). Foi, então, que conhece, no traba-

lho, o Luandi, irmão de Ponciá, que estava à procura da irmã pelos meretrícios da cidade, levado, sem saber, pelo soldado negro Nestor. Bilisa e Luandi se apaixonam e, mesmo contra a vontade do grande amigo Nestor, decidem se casar. No caminho do casal há a presença do perigoso Negro Climério, que era cafetão de Bilisa, assim como de outras prostitutas. Ao saber que sua protegida estava de casamento marcado e sabendo da perda de mais uma fonte de renda, mata-a. Luandi, ao entrar no casarão, vê Bilisa, “toda ensangüentada, se apagando” (PV, p. 116), na cama, entre “os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval” (PV, p. 116), entre um atendimento e outro.

A prostituição pode ser um negócio rentável para uma minoria, como mulheres universitárias e de baixa renda. Entretanto, para moças incultas e desprovidas de etiquetas e *glamour* para frequentar a alta sociedade, o mercado de atuação se resume às explorações de cafetões e de cafetinas e a clientes menos abonados. Mulheres brancas e com certo nível cultural, denominadas pelo rótulo de “garotas de programa”, ganham mais dinheiro por serem, muitas vezes, acompanhantes de empresários, políticos etc. e, às vezes, administrarem o próprio dinheiro. No máximo, quando não anunciam nos classificados e na *internet*, contam com agenciadores. Prostitutas como “Bilisa-estrela”, negra ou branca e pobre, para se manterem no mercado de trabalho, precisam de um protetor com quem dividem mais da metade do dinheiro, além do pagamento do aluguel do quarto em algum casarão. Os lucros são irrisórios e as mantêm na linha abaixo da pobreza, principalmente quando se trata de uma prostituta negra, pois, além das dificuldades citadas anteriormente, ainda enfrentam o problema do estigma da cor da pele.

Apesar de a prostituição ser um tema bastante polêmico principalmente no Brasil, devido, entre outros fatores, ao turismo sexual, que chega a envolver menores de idade, os movimentos feministas lutam pela legalização dessa atividade. Porém, segundo Carole Pateman (1993, p. 285), a crítica feminista à prostituição é, às vezes, rejeitada sob a alegação de que “as prostitutas exploram ou enganam seus clientes do sexo masculino; os homens são apresentados como a parte que sofre os danos, e não as mulheres”, como se fosse um negócio unilateral. Tal perspectiva é mostrada em *Ponciá Vicêncio*, quando o personagem Soldado Nestor emite sua opinião a respeito das prostitutas. Para ele, “mulher-dama não prestava”, e mais: “não gostava de homem algum”, o que lhe interessa é apenas o “que o homem tem entre as pernas e, mesmo assim, só se acompanhado de dinheiro” (PV, p. 103).

Conceição Evaristo, por meio dessa fala do personagem Soldado Nestor, revela o preconceito social figurado no homem similar ao que ocorre com o romance *Lucíola* (1862), de José de Alencar, em que, também, retrata o pensamento preconceituoso contra as prostitutas através do personagem Dr. Sá. Este é um homem solteiro que frequenta os teatros, os saraus e que se dá o luxo de festas em sua casa, ocasiões em que, para se divertir e aos amigos, explora as cortesãs e que ao perceber que o amigo

Paulo está seduzido pela cortesã Lúcia, o alerta de quem realmente ela:

- Supunha que fosse apenas uma dessas moças fáceis, a quem contudo é preciso fazer a corte por algum tempo.
- O tempo de abrir a carteira. Andas no mundo da lua, Paulo. Queres saber como se faz a corte à Lúcia?... Dando-lhe uma pulseira de brilhante, ou abrindo-lhe um crédito na Wallerstein (ALENCAR, 1987, p. 20).

O pensamento machista do Soldado Nestor e do Sá é comum à boa parte da sociedade brasileira, que cultiva a imagem depreciativa das mulheres que fazem da prostituição seu meio de sustento, sem conhecer as razões que, muitas vezes, as empurram para tal ofício. Assim, mostra a autora que, em mais de cem anos, o preconceito contra as prostitutas se mantém vivo.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 12), “o autor conhece e enxerga mais não só no sentido para onde a personagem olha e enxerga mas também em outro sentido, que por princípio é inacessível à personagem. E mais, quando há coincidência entre autor e personagem, eles podem compartilhar um valor, logo ocorre uma ruptura com “o acontecimento estético e começa o acontecimento ético que o substitui” (Idem, p. 20). Acredito que Conceição Evaristo, enquanto mulher e negra, não deixaria de inserir em suas personagens, particularmente Ponciá Vicêncio, um pouco de sua mundividência relacionada ao confronto com formas diversas de preconceito racial.

Segundo Conceição Evaristo, o romance *Ponciá Vicêncio* evidencia “as dores, as angústias, as violências que as mulheres sofrem, a solidão que elas enfrentam, mas ao mesmo tempo mostra como as mulheres saem em busca da vida”. Depois que se conhece a biografia da autora, fica fácil perceber a semelhança entre sua mundividência e a das personagens Ponciá e Bilisa no tocante à “busca da vida”, apesar desses sentimentos negativos que ela cita em uma de suas entrevistas. Outra semelhança entre criador e criaturas diz respeito à determinação em atingir seus objetivos de crescimento pessoal, profissional e sócio-econômico. A escritora foi sozinha para o Rio de Janeiro e atuou como professora até se aposentar na profissão, mas ainda continua, pois publicar uma obra literária no Brasil é uma tarefa árdua para quem se envereda nesse caminho.

Essa força que permeia a vida de Conceição Evaristo é evidenciada, também, nas mulheres do romance *Ponciá Vicêncio*, “mesmo quando há uma aparente fraqueza ou até um visível domínio masculino sobre elas. Só a eliminação física de Bilisa acaba com os sonhos e com a determinação da moça. O pai de Ponciá, mesmo resmungando, tinha suas ações orientadas pela mãe de Ponciá. Nêngua Kainda, uma velha mulher, era a consciência do grupo”, a título de exemplo, nas palavras de Conceição Evaristo.

Mediante as situações narradas em *Ponciá Vicêncio* sobre a infância pobre da personagem-título e a vida adulta dela e de Bilisa, destacadas aqui, nos dois itens, a autora visibiliza a situação da mulher negra e pobre quanto ao lugar reservado socialmente a ela com a propriedade de quem sabe e sente na pele, e por experiência de conhecidos, praticamente tudo o que está escrevendo. Ponciá e Bilisa, ao chegarem despreparadas profissionalmente à cidade, ocupam vaga de doméstica. Ambas fugiam da pobreza em que nasceram e cresceram e, na cidade, vislumbram fazer bastante dinheiro, o suficiente para buscarem os seus familiares e lhes proporcionarem melhores condições de vida. O que aconteceu com elas, apesar de Ponciá ter comprado um barraco de um cômodo na favela e encontrado um companheiro, não é diferente do que acontece com muitos na mesma situação delas: a permanência à margem da sociedade.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1987.
- ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- MAZEL, Jacques. *As metamorfoses de Eros: o amor na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Trad. de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).
- SEGATO, Rita Laura. “O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça”. In: STEVENS, Cristina (org.). *Modernidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisa, 2007. p. 143-2.

Recebido em 16 de fevereiro de 2011

Aprovado em 25 de abril de 2011